# JAGUARÚNA 62 ANOS

Edição Especial de Aniversário

Setembro de 2016.

Estrela da Mogiana

Passado e presente unidos pela história.

# Estrela da Mogiana com toque de poesia

Jaguariúna vivenciou diversas transformações ao longo dos anos. De Vila Bueno e Distrito de Paz de Jaguary até conquistar a emancipação político-administrativa de Mogi Mirim, no ano de 1953, e se tornar o município de Jaguariúna, nome que significa Rio da Onça Preta.

Com o passar do tempo, a sociedade sentiu a necessidade da cidade ter um cognome que tivesse identificação com a sua principal tradição na época. Em 1965 foi organizado um concurso de âmbito nacional pelo professor de Língua Portuguesa e agente aposentado do IBGE, Ildefonso de Paula Oliveira junto com o professor Irineu Expedito Ferrari e o contador José Poltronieri. Foram 600 sugestões inscritas, sendo que na 1ª fase foram selecionados 100 nomes e apenas dez passaram para a votação final que ocorreu na Sociedade Amigos de Jaguariúna (atual Jaguar Tênis Clube e localizado na época na Rua Alfredo Engler).

O vencedor foi Estrela da Mogiana, do jornalista, poeta e fundador da Academia Amparense de Letras, Francisco Luzia Neto. A intenção era dar um tom de poesia ao cognome. Em 1966, através da Lei 247, o Executivo colocou Jaguariúna entre as poucas cidades do Brasil a ter um cognome adotado oficialmente.

A partir de então, Estrela da Mogiana passou a fazer parte do dia a dia da comunidade. Teve confecção de flâmulas com o mapa estadual contendo a localização de Jaguariúna, a utilização desse símbolo pelas escolas durante os desfiles cívicos, as calçadas das ruas centrais foram decoradas com pedrinhas portuguesas formando desenhos de estrela (mantém até hoje em alguns locais), obelisco na entrada da cidade e a Rádio Educativa ficou conhecida como Estrela FM.

A escritora, jornalista e filha de Luzia Neto, Eliana Dagmar conta que apesar de criança lembra da alegria do pai quando foi anunciado que a sua sugestão foi a vencedora. Num artigo publicado no Almanaque do Amparo – Edição do Sesquicentenário de 1979, foi relatado que o concurso contou com 33 urnas em Jaguariúna, uma em Pedreira e outra em Amparo. "Meu pai comentava que se inspirou na Estrela que guiou os Reis Magos até a Manjedoura onde estava Jesus. A localização de Jaguariúna era ponto de referência, ou seja, um entroncamento de quem vinha do Circuito das Águas. Era como se fosse a Estrela que guiou os Reis Magos e Jaguariúna guiava os viajantes que ali chegavam. Foi com essa associação de ideias que nasceu esse nome", explicou.

Na atualidade foi criado o site Estrela da Mogiana numa forma de homenagear Jaguariúna e resgatar detalhes da sua história, além de estar presente nos principais acontecimentos da atualidade.

Vista aérea de Jaguariúna em diferentes épocas (Fotografias de Lebrão)

Francisco Luzia Neto foi o autor do Cognome Estrela da Mogiana

Eliana Dagmar com o pai Francisco Luzia Neto.

## Passado e presente unidos pela história

O tema do Especial de Aniversário de Jaguariúna – 62 anos, do site Estrela da Mogiana, tem a proposta de traçar um paralelo entre o passado e presente. Além disso pretende mostrar que apesar do tempo, eles se entrelaçam em determinados momentos da história. A intenção foi destacar algumas atividades que apesar de terem sido praticadas em décadas passadas ainda estão presentes no nosso cotidiano.

A capa de autoria do designer gráfico Rafael Tittz transmite de maneira fiel a proposta do especial, que é mostrar que passado e presente estão interligados.


## Agradecimentos:

Moacir Malachias, Francisco Vanguello de Freitas (Chico Trem), Manoel Rodrigues Seixas, Moacir de Oliveira Matias, Celso Luiz dos Santos (Celsinho da Sanfona), Sandra Aparecida Gonçalves Massari, Natalino Massari, Vanderlei Alves da Silva da ABPF, José Daniel Marion, Pedro Abrucês, Luis Gustavo de Campos, Eliana Dagmar, Altamiro Azarias Pires e Zaira Maziero Pires (Compadre e Comadre), Tomaz de Aquino Pires, Família Tozzi, Flávia Porto, família de Antonio Aparecido Rodrigues dos Santos (Lebrão) e a Casa da Memória de Jaguariúna Padre Gomes.

## Expediente:

O Especial de Aniversário de Jaguariúna é uma publicação do site Estrela da Mogiana

Editora Estrela da Mogiana
CNPJ: 22.067.117/0001-25

**Jornalistas:**
Gislaine Mathias MTB 24.231
Edna Faria MTB 56.426

**Diagramação e Arte-finalista:**
Rafael Tittz

**Distribuição gratuita**

# A ferrovia integra o passado e presente

A estrada de ferro chegou em Jaguariúna, quando era apenas uma vila, no ano de 1875, com a intenção de atender as lavouras de café. O trem passou a ser o único meio de transporte rápido e eficiente, atendendo passageiros e levando mercadorias para os diversos cantos do País. Com o passar do tempo, Jaguariúna foi se desenvolvendo economicamente e a tradição ligada a ferrovia continuou se fortalecendo. Nos dias de hoje, ainda é possível encontrar pessoas que tralharam na ferrovia e que lembram detalhes daquele tempo.

O ferroviário aposentado e escritor Manoel Rodrigues Seixas contou que quando foi chefe de estação, no bairro de Guedes, realizou uma maior integração entre a ferrovia e os moradores. Além do trabalho diário na estação, ele promoveu festas e chegou até realizar a fundação de um grupo de teatro rural de Guedes. "Durante o dia, eles trabalhavam na roça e a noite ocorria os ensaios na estação. Quando passava um trem à gente corria se esconder porque era proibido ficar naquele local", contou Manoel completando que a diversão era freqüentar a estação aos sábados e domingos. "Era um ponto de encontro", completou.

Naquela época, ele explica que o trem era o único meio de transporte. "Muitas cidades nasceram em função do trem e Guedes era muito importante para a Companhia Mogiana, pois o movimento de cargas e pessoas era grande", frisou. Também era uma tradição ter as festividades envolvendo os alunos da escola, como em homenagem a Bandeira.

O também ferroviário aposentado, Moacir Oliveira Matias frisou que o trabalho na ferrovia naquele tempo era difícil. Ele contou que o ofício nas turmas era manual e não existiam máquinas para ajudar na atividade. Para a construção e manutenção das linhas férreas eram utilizados vários equipamentos, como, picareta, marreta e alavanca. Já a remoção de terra e pedras era feita com carroças ou vagonetas (carro descoberto que andava sobre os trilhos), ambos puxadas por burros. Ele relatou que às vezes, em caso de descarrilamento, os ferroviários levavam os dormentes nas costas, para ajudar no acidente. Geralmente era uma distância de 40 a 50 metros. A Estação de Jaguariúna era bastante movimentada e geralmente recebia em torno de 14 trens de passageiros e de carga, por dia.

Manoel e Moacir ainda preservam histórias da ferrovia

Jaguariúna
Uma cidade jovem que sempre terá muita história para contar.

A **Associação Comercial e Industrial de Jaguariúna** tem orgulho de fazer parte do crescimento da nossa cidade.

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL
ACIJ JAGUARIÚNA

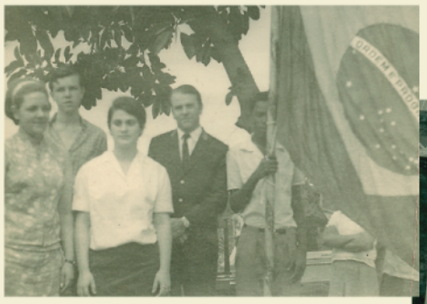
# ABPF

Mesmo com a ferrovia perdendo a sua força, o trem continuou presente na vida do jaguariunense, mas desta vez, de outra maneira. Os passeios de Maria Fumaça, organizados pela Associação Brasileira de Preservação Ferroviária (ABPF) levam os turistas para uma viagem ao passado.

O gerente geral Vanderlei Alves da Silva analisou que é importante manter a tradição ferroviária pela parte histórica, pois é uma cidade que nasceu com a história do café e dos barões, e que recebeu muitos imigrantes. "O trem foi uma alavanca para o progresso e para a Vila Bueno virar Jaguary e depois se tornar Jaguariúna, e ser hoje uma cidade industrial.

"Nos últimos 40 anos quando surgiu a ABPF houve a procura do resgate desse patrimônio para que as gerações de jovens e crianças saibam da história do nosso povo. "Jaguariúna e a Maria Fumaça possuem uma história interligada", frisou.

A maior procura para os passeios é de famílias com crianças e pessoas da Terceira Idade. "Esses dados são muito interessantes porque você atinge as crianças e os mais idosos, que são gerações antagônicas, mas a emoção é a mesma", enalteceu. Em média são 5 mil pessoas por mês.

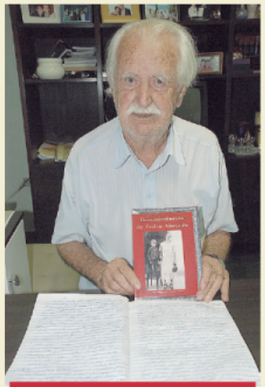


# A paixão pela ferrovia e a arte em trilhos

Os trilhos utilizados no passado para a construção da linha férrea que trouxe o progresso para Jaguariúna se transformaram em arte nas mãos do ferroviário aposentado, Pedro Abrucês. Apaixonado pela preservação do patrimônio histórico e pela ferrovia, ele fez com que pedaços de aço se tornassem belas estruturas e que permanecem até os dias de hoje.

Ele foi responsável pela construção de diversas obras destacando os trilhos ferroviários, entre elas, placas de sinalização espalhadas pela cidade, a entrada e os portões laterais do Parque Santa Maria, a Ponte Vermelha (atual Ponte Pedro Abrucês), marco histórico da chegada da ferrovia no ano de 1875, cobertura do ponto de táxi central e quiosque, na Praça Umbelina Bueno.

No livro Reminiscências de Pedro Abrucês, ele relata como foram feitas as obras em trilhos. "As suas curvaturas foram realizadas a frio, através de uma tecnologia que com muita perseverança consegui desenvolver, graças também aos bons artífices", disse Pedro num dos trechos do livro. Em outra passagem, ele destaca um obelisco, que retrata a tradição ferroviária e do cognome da cidade. "Olhem para aquela estrela na entrada de nossa cidade, construída com cálculos geométricos e também práticos ficando uma peça perfeita milimetricamente sem erros", destacou Pedro frisando que sempre teve como proposta deixar tudo maravilhosamente bonito.



Pedro Abrucês: apaixonado pela preservação do patrimônio histórico

Ponte de 1875 que leva o nome de Pedro Abrucês é um dos pontos turísticos da cidade e ressalta a arte em trilhos

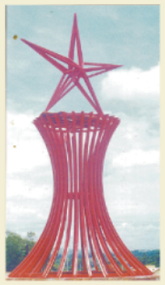
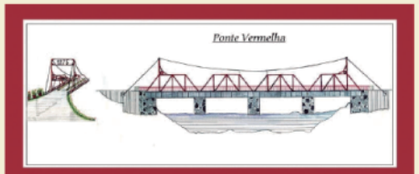
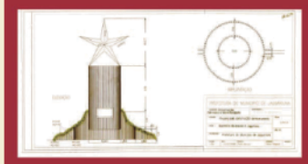


Foto antiga da Ponte de 1875





Remoção dos trilhos da linha para dar espaço a Avenida Marginal.

JAGUAR CENTER PLAZA

Condomínio Empresarial

No condomínio Jaguar Center Plaza você conta com toda a infraestrutura e comodidade para sua equipe e seus clientes.

50 salas comerciais com área de 54 a 108 m²
Estacionamento Escada rolante e elevador de serviço
Câmaras de segurança Localização central Acessibilidade
Paisagismo Próximo a rede bancária

Traga sua empresa para o Condomínio Jaguar Center Plaza e beneficie-se deste espaço privilegiado no Centro de Jaguariúna! E você consumidor, encontre vários serviços em um só lugar!

Alavanque seus negócios, adquira ou loque uma das unidades! Seus clientes e equipe irão agradecer!

(19) 3867-4391
jaguarcenterplaza@hotmail.com
Rua Cândido Bueno, 1.299 Centro Jaguariúna/SP

**Parabéns Jaguariúna!** São 62 anos de muito progresso e o Condomínio Jaguar Center Plaza vem contribuindo com o desenvolvimento da cidade.

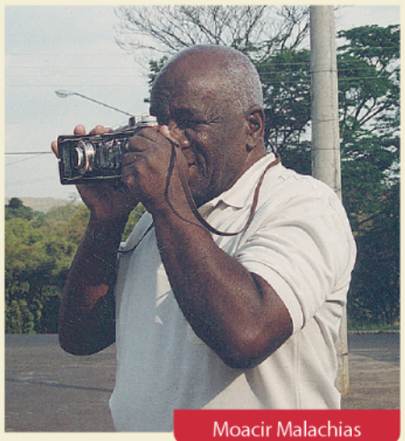
D'AGRARTE Editora

# Os acontecimentos através das fotos

A história vem sendo contada através das fotografias ao longo dos anos. Desde o passado até os dias atuais, os fotógrafos são responsáveis por registrar os fatos e acontecimentos. **Moacir Malachias** chegou a ser o único fotógrafo de Jaguariúna, numa época que compreendeu a fase de Distrito de Paz e de município recém emancipado. Ele recorda que acompanhou os principais acontecimentos esportivos, sociais e políticos da época e que algumas fotos chegaram a ser publicadas no jornal A Comarca de Mogi Mirim.

No período que exerceu a profissão, ele fotografou carnavais, comícios, inaugurações, visitas de políticos, casamentos, batizados e aniversários.

Entre os acontecimentos estão a inauguração do campo da União Esportiva Jaguariense e a posse do primeiro prefeito Joaquim Pires Sobrinho, o Quinzinho. O seu interesse por fotografia surgiu com Luis Carvalho de Moura, de Campinas. A sua dedicação contribuiu para o resgate da história por meio de imagens.



Moacir Malachias

Compadre e Comadre

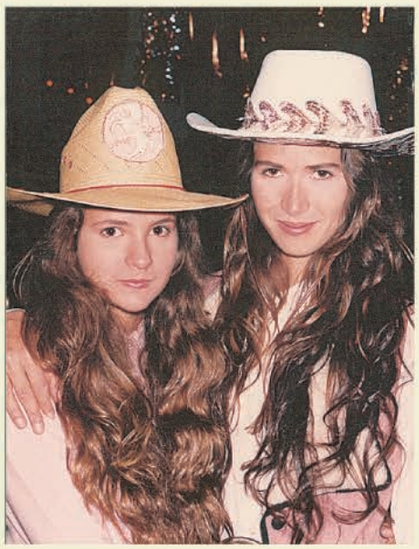
## Compadre e Comadre

Na década de 70, os fotógrafos Altamiro Azarias Pires (Compadre) e Zaira Maziero Pires (Comadre) chegaram a Jaguariúna, com a Foto Mundial, que ficou conhecida mais tarde como Foto do Compadre. "As ruas do centro não tinham asfalto e era paralelepípedo", recordou a Comadre. O movimento era tão grande que ele chegava a fotografar entre sete e oito casamentos num só dia. Além disso registrou eventos, festas, casamentos, aniversários e os concursos de bonecas vivas, dentre outros.

Uma sensação era a foto de monóculo. "Era um sucesso e todo mundo queria", destacou. Também tinha o quadro de 'cinco e sete poses', como era conhecido, sendo difícil de fazer porque todas as fotos tinham que ficar iguais e com a mesma cor no momento da revelação. E outro trabalho de destaque é que coloria a foto com uma tinta especial da época.

"Um fato curioso é que cheguei tirar em torno de 100 fotos por dia de bezerro nas fazendas para registro dos proprietários. Era divertido, perigoso e rápido", contou. Também fotografaram o Rodeio de Jaguariúna e algumas vezes passaram apuros. "Uma vez fui salva pelo Compadre que me puxou no momento que o boi vinha em cima de mim. E a turma na arquibancada gritava corre Comadre".

Ainda fotografaram as gravações da novela Ana Raio e Zé Trovão e eram sempre chamados para tirar fotos de acidentes a pedido da Polícia. "A fotografia é uma arte bonita e uma bela profissão, mas se não tiver amor o resultado será descontentamento. A minha profissão ensinei para os meus filhos Kiko e Tielo", disse Compadre. Por volta de 2003 encerrou as atividades.



Chico Trem

## Chico Trem

Para Francisco José Vanguello de Freitas, conhecido por Chico Trem, a paixão pela fotografia começou na década de 60 enquanto que o amor por Jaguariúna se iniciou por causa do trem. "Eu morava em Caieiras e conheci a cidade durante o primeiro passeio de Maria Fumaça organizado pela Associação Brasileira de Preservação Ferroviária, no trecho entre Campinas e Jaguariúna, em 21 de fevereiro de 1981. Nesse dia também conheci minha esposa e no ano de 1983 me mudei para Jaguariúna", relatou Chico Trem.

De acordo com ele a fotografia para a história é o melhor documento. "A imagem fala mais do que mil palavras. Sou a favor da pessoa fotografar cada vez mais, pois hoje um prédio ou uma paisagem está de um jeito e amanhã virou história. Até hoje não saio de casa sem uma câmera fotográfica", enfatizou.

De Jaguariúna, segundo ele, a foto mais marcante foi da procissão de barcos que tirou de cima da ponte, pois pega o casarão da fazenda Santa Úrsula, transmitindo o antigo na era moderna, além de parecer estar no século passado.

# A antiga tradição dos torneados em madeira

Uma arte que exige habilidade e uma tradição que resiste ao tempo e a modernidade. Antigamente, Jaguariúna era conhecida pelas peças torneadas e os pontos de venda eram as estações ferroviárias de Jaguary e Jaguariúna, em diferentes épocas. O diretor do patrimônio histórico municipal e coordenador da Casa da Memória, Tomaz de Aquino Pires ressaltou que é uma tradição muito antiga. "Os imigrantes italianos vieram trabalhar nas fazendas de café e compraram as suas próprias terras, mas outros foram se dedicar ao comércio, na Vila Bueno e depois Distrito de Paz de Jaguary, exercendo profissões executadas pelos pais na Itália, como sapateiro, padeiro, marceneiro e outros se tornaram artesãos com o trabalho em madeira no torno. E faziam as farinheiras, pilões e as fruteiras. Eu me lembro que mamãe guardava com muito carinho um cálice de madeira torneado e dizia que era lembrança do seu irmão Marcelo Ferrari, por volta da década de 20. Haviam muitas famílias com artesãos", recordou Tomaz completando que quando era estudante ia na estação e se lembra da banca de torneados de Antonio Dal Corso, conhecido por Tosque e do Aristides Dal Corso, o Tinho. Eles trabalhavam muito com o torno em madeira e vendiam na estação para o pessoal do trem da Mogiana. Ele também lembrou dos trabalhos bonitos de Isidoro Angeloni numa fase mais recente.

Estações eram pontos de venda dos torneados em diferentes épocas

Angeloni foi um dos artistas do torno

## Isidoro e Luis

Essa tradição ainda continua sendo mantida por Luis Gustavo de Campos que aprendeu essa arte com Isidoro Angeloni. "A gente sempre entregava madeira pra ele e eu era curioso naquela época e ficava vendo ele tornear. Até que me ensinou a tornear um bracinho de pilão, um copinho e um pilão. Quando cheguei em casa desmontei uma carcaça de esmeril e fiz um torno pra mim de madeira, e ficava fazendo pequenas peças para treinar", contou Luis Gustavo completando que quando seu Isidoro faleceu adquiriu o torno e passou se dedicar a atividade.

"Eu não trabalho por dinheiro mas com o coração. Eu penso em criar coisas e vou dando formatos as peças. É um atividade que relaxa bastante e me acalma", contou Luis Gustavo completando que utiliza as madeiras cedro rosa, amendoim, louro, jacarandá e cabreúva, e que são materiais reaproveitados.

Ele faz em torno de 40 tipos diferentes de peças torneadas. "É um aprendizado que está praticamente sumindo aos poucos, e por este motivo, é uma honra estar podendo dar continuidade. Eu tenho peças em diversos estados brasileiros, e nos países de Cuba, Estados Unidos, Alemanha, Suíça, Peru e México", salientou.

## Dal Corso

"Meu pai era um artista que transformava pedaços de madeira em peças para uso e decoração, tais como, farinheira com colher, pilão, porta-joias e fruteiras. Além disso fazia pião para as crianças brincarem. Usava sempre madeiras especiais, tais como, jacarandá, cabreúva, caviuna e canela de sassafrás. Ele mesmo preparava os instrumentos e as peças de madeira ficavam girando em alta velocidade para que fosse dando a forma em cada trabalho", contou Antonio Dal Corso Filho, o Toninho. Ele ainda disse que as peças eram vendidas para os passageiros em uma banca na estação de Jaguariúna.

# O repique dos sinos na torre da Igreja Centenária

A torre da Igreja Centenária de Santa Maria guarda sinais de uma antiga comunicação entre as pessoas, no tempo que Jaguariúna era uma vila e depois se tornou Distrito de Jaguary. No passado com mais frequência e no presente em ocasiões especiais, o repicar dos sinos era a forma de convidar a comunidade para missas e festas e até avisar sobre falecimentos. Já na atualidade, eles ainda tocam em ocasiões especiais.

Os sinos mais antigos foram colocados na torre da igreja no ano de 1929. Já em 1949, a igreja recebeu mais três sinos de carrilhão que estão instalados até hoje numa estrutura de madeira. De acordo com Moacir Matias, que na época tinha 15 anos e ajudava o marceneiro Ettore Tozzi, a armação de madeira foi preparada na oficina e depois transportada numa carrocinha puxada com a mão, sendo carregada de duas a três peças de cada vez, pois naquele tempo não tinha outro tipo de condução. A madeira utilizada foi a Peroba, considerada madeira de lei e muito resistente.

Ele conta que foram utilizadas cordas para subir as peças de madeira na torre, sendo que dois ficaram dentro da torre para puxar cada vigota e outro embaixo guiando a corda para não danificar a parede da igreja. Em seguida, foi montada a estrutura para colocação dos sinos na torre utilizando as madeiras que já estavam numeradas. "Tudo foi feito à mão, pois não haviam máquinas", completou.

## Comunicação

Segundo o diretor do patrimônio histórico municipal e coordenador da Casa da Memória, Tomaz de Aquino Pires, existem informações que foram construídos andaimes de eucalipto para conseguirem subir os sinos até a torre da igreja. Ele relatou que os sinos eram o centro da comunicação auditiva e cada toque tinha um significado. "O toque muito alegre chamava para as missas e rezas; havia o sino da Ave Maria às 6h e 18h, então, cada família rezava e era uma devoção, pois as crianças já cresciam com a educação religiosa e amor ao próximo. Também havia a alvorada e o toque do sino triste para enterro", contou Tomaz completando que os cortejos saiam da igreja ao som dos sinos e seguiam a pé até o cemitério. "Conforme o féretro ia descendo a Rua Cândido Bueno todos os comerciantes fechavam as portas em sinal de luto e respeito", frisou Tomaz completando que uma tradição que permanece até hoje é o anúncio de falecimento no alto falante da igreja. "A cidade não se sente avisada no caso de não ser comunicada através do alto falante", enfatizou.

## Fase atual

Daniel Marion é responsável por tocar o sino em ocasiões especiais, na atualidade. "Minha família sempre foi muito religiosa e eu morava na casa vizinha da igreja. Fui coroinha e nessa convivência eu achava bonito o toque do sino. Eu tenho uma veia musical e os sinos são instrumentos musicais e possuem cinco notas. Eu sempre imaginava como era o funcionamento e num determinado dia subi a escadaria e toquei o sino", relatou.

Ele destacou que são poucas igrejas que mantém essa tradição igual a de Jaguariúna. "A maioria tem os sinos, mas não tocam, ou está automatizado ou então colocam uma gravação com alto falante. Mas não tem aquele romantismo e aquela beleza do sino tocado a mão", frisou.

Segundo Daniel o sino é historicamente um meio de comunicação entre as pessoas. "E ainda permanece em ocasiões especiais e através do relógio que aciona um dos sinos. Essa tradição é mantida pelo esforço de Moacir Mantovani que continua semanalmente fazendo a manutenção do mecanismo que aciona o sino e relógio, então, a torre ainda se comunica com a população", enalteceu.

Daniel Marin segue a tradição de tocar os sinos da igreja

Ettore Tozzi foi responsável por construir a armação de madeira para colocar os sinos

Igreja Centenária guarda sinais de uma antiga comunicação

# Música une gerações e preserva os estilos sertanejo raiz e forró

A tradição sertaneja vem sendo transmitida de geração em geração, seja em festas, como a Cavalaria Antoniana ou nas músicas que permanecem sendo preservadas mesmo com crescimento de Jaguariúna. O casal Natalino Massari e Sandra Aparecida Gonçalves Massari segue a tradição musical dos familiares. "O seu Arlindo era sanfoneiro desde moço. Animava os forrós nos sítios e tocava nas festas juninas, sempre alegre", contou a nora Sandra. O filho Natalino recordou que ele tinha o costume de fazer serenata na passagem do ano com outros músicos. "Eles começavam a meia noite, visitavam algumas casas e tocavam até de manhã", recordou o filho completando que seu Arlindo ainda tocava nos barzinhos e a diversão era a sanfona. "Quando criança eu acompanhava as apresentações", completou.

Já a família de Sandra também se dedicava a música. "Meu pai e minha mãe formaram o Duo Gonçalves e fazia shows sertanejos e de forró em lanchonetes e bailes. Ele também foi músico da banda. Eu cheguei cantar com o meu pai e participamos de programas de rádio. Depois eu conheci o Natalino e iniciamos uma nova fase na carreira, mas preservando os estilos musicais", explicou Sandra.

Os dois seguem essa tradição sertaneja e fazem parte também da Orquestra Municipal Violeiros do Jaguary. "Pra gente é uma alegria, pois estamos seguindo no caminho certo dos nossos familiares. É uma alegria pra nós, pois em cada lugar nós fazemos novas amizades", analisaram.

Sandra e Natalino continuam mantendo a tradição da família

Duo Gonçalves e Arlindo durante evento em Jaguariúna

## Sanfona

O sanfoneiro Celso Luiz dos Santos, conhecido por Celsinho da Sanfona contou que se interessou por esse instrumento ainda adolescente. "A gente participava dos bailes e eu sempre ficava do lado do sanfoneiro. Mesmo quando estava dançando ficava prestando atenção no que ele estava fazendo. Nós íamos de charretes nos bailes com os colegas. A partir desse momento fui me interessando pelo instrumento. Já com 15 anos meu pai comprou uma sanfoninha de oito baixos", contou Celsinho que acompanhava o pai nas apresentações.

"No sábado a gente ia para o baile e saia 2 ou 3 horas da madrugada, chegava em casa mudava de roupa e ia bater cana aos domingos. Já na Cavalaria Antonina participava do desfile tocando sanfona em cima do caminhão do Serafim", disse Celsinho durante as recordações de alguns momentos.

A música Jardineira foi a primeira aprendida na sanfona. "Naquela época, os bailes eram animados por sanfona, violão e pandeiro. E comecei sendo convidado para tocar nas casas e eventos", contou Celsinho que atualmente se apresenta com a banda Sensasom e acompanha algumas duplas sertanejas.

Celsinho da Safona se apresenta até nos dias de hoje

Arlindo animava o público com a sua sanfona

# Jaguariúna através das fotos de Lebrão

A história de Jaguariúna é construída a cada momento por pessoas de todas as idades. São elas que contribuem para o desenvolvimento da cidade em diferentes setores, sendo que algumas conseguem se sobressair com os seus atos e atitudes.

No início deste ano, Jaguariúna se entristeceu com o falecimento do secretário de Esportes, Antonio Aparecido Rodrigues dos Santos, o Lebrão. Meses depois, a Casa da Memória Padre Gomes resolveu homenageá-lo com a realização da 9ª exposição com o tema Jaguariúna através das fotos de Lebrão, que terá abertura no dia 17 de outubro.

Numa entrevista concedida as integrantes do projeto Imagens da Memória, no final do ano passado, Lebrão disse ser uma pessoa extremamente feliz.

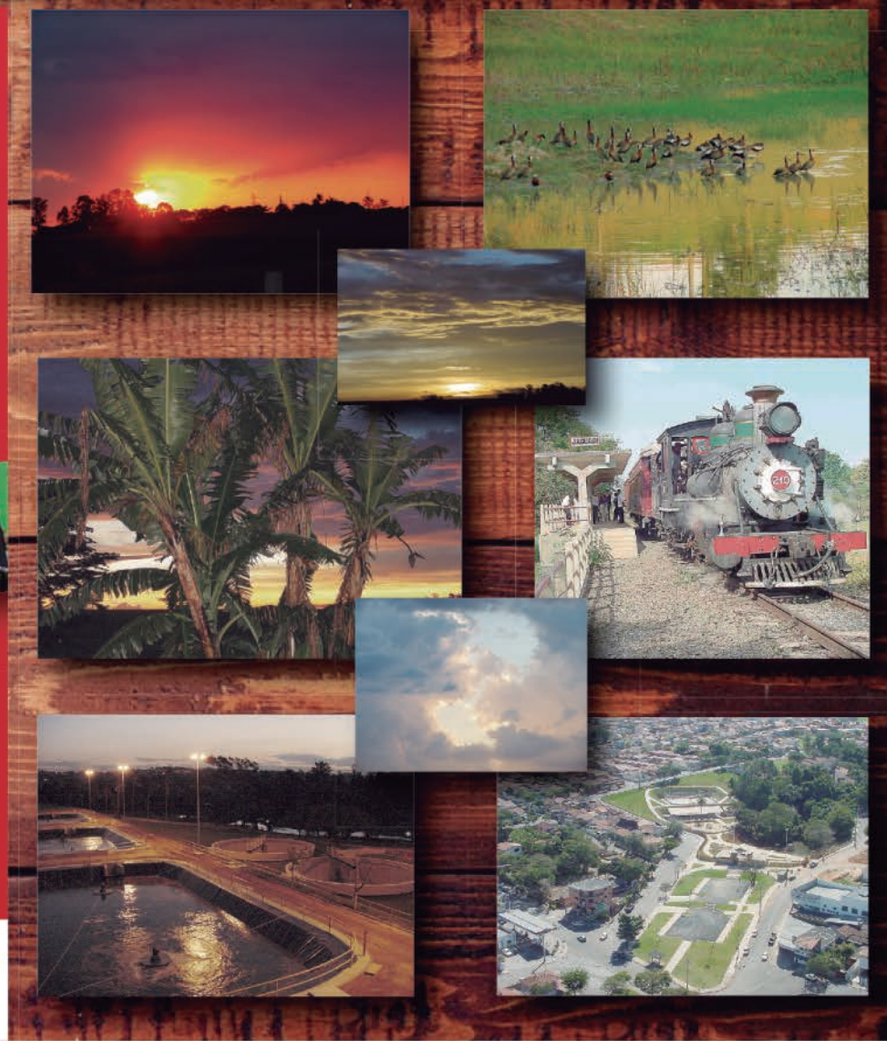
Durante a conversa, ele recordou do tempo que se dedicou ao teatro amador e alegrava as pessoas por onde passava. "Eu escrevi 52 peças e encenei 53 espetáculos. Eu me recordo que uma vez fiz um festival de teatro no Tozzi com seis peças participantes e fiz parte de cinco. Uma vez apareceu um circo chamado Guaraciaba na cidade e eles me convidaram para fazer uma peça séria e eu fui o padre quando entrei o povo rachou de dar risada, pois as pessoas sempre viam o meu lado cômico", relatou Lebrão durante entrevista completando que foi significativa a sua passagem pelo teatro porque fez amizades que permaneceram com o tempo.

Ele ainda recordou do tempo do jornal O Jaguar. "Tinha a coluna Curva de Rio e versava sobre o que ocorria dentro da Sapataria do Carlitão. Então, quando o cara contava uma mentira ele saia na porta e tocava o sino. Até que um dia foi feito um Campeonato de Mentiras. Essa coluna era muito lida", contou.

Durante a entrevista, Lebrão destacou uma passagem envolvendo o futebol. "Onde hoje é a Matriz de Santa Maria ficava um campinho de futebol e eu jogava no time Pastinho Futebol Clube. Naquela época, tinha um poço no mesmo local e as bolas caiam todas lá dentro", contou dessa passagem dando risadas e como sempre de forma bem humorada.

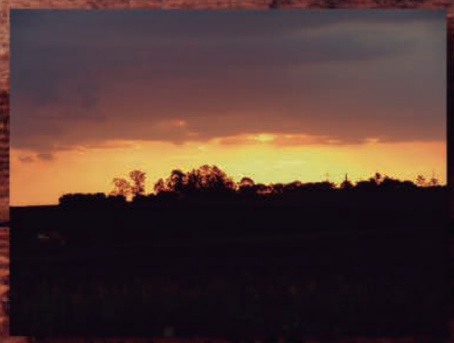
O site **Estrela da Mogiana** preparou vários vídeos em comemoração ao **aniversário de Jaguariúna**

Eles estarão no ar a partir do dia **12 de Setembro** no canal do YouTube:
Estrela da Mogiana



Estrela da Mogiana

# Jaguariúna através das fotos de Lebrão



VIDATIVA
Movimento e Bem Estar

PARABÉNS JAGUARIÚNA!

DESDE 2013, O VIDATIVA VEM CONTRIBUINDO PARA A MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA DA POPULAÇÃO DE JAGUARIÚNA

Com o propósito educativo, de conhecimento do corpo e conquista do bem-estar, a empresa apresenta duas frentes, sendo o VidAtiva voltado para melhoria da qualidade de vida com:

**Pilates, Yoga e Espaço Terapia**

E a Escola Budô de Artes Marciais, voltada às artes marciais para crianças e adultos com:

**Judô - Jiu-Jitsu - Personal Training**
**Taekwondo**

**Rua João Roberto Pires Bueno, 148- Cruzeiro do Sul, Jaguariúna**
**(19) 3518-8190/(19) 9 9409-1626**
**www.vidativajaguariuna.com.br**